

# O FOLHETIM

## PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE na Rua do Hospício 85	Preço da assignatura por mez	Para a Côte ..... 1\$000 Para as Províncias... 1\$500	AS ASSIGNATURAS começam no 1.º de cada mez
--	------------------------------	--	--

### A BASTARDA

#### SEGUNDA PARTE

JOANNA E MAGDALENA

XVIII

NA PRISÃO

(Continuação.)

O conde pôz-se a caminho, escoltado pelos dous policiaes, um á direita, o outro á esquerda, de mosquete ao hombro.

O promotor publico tinha ordenado a prohibição expressa de applicar algemas ao preso.

Se não fôra isso...

Um dos guardas exclamou, ao ter conhecimento dessa prohibição:

— Muito bem! se começam agora a supprimir os *aninhos*, não respondo por cousa alguma!...

O boato da prisão do conde espalhara-se, desde a vespera, na cidade inteira, onde o velho era geralmente conhecido e estimado.

Essa incrível noticia causára muita sensação.

Ninguém acreditava na culpabilidade do Sr. de Vezay.

Muitas pessoas accusavam o promotor publico de haver procedido com imperdoavel leviandade.

Essas opiniões eram emitidas ao acaso, pois vagamente se conhecia a occusação e havia carencia absoluta de particularidades ácerca da base do processo.

O facto é que um grande numero de curiosos enchia os corredores da sala dos passos perdidos á hora em que suppunha-se que o Sr. de Vezay seria conduzido á presença do juiz.

Não foi vã a esperança dos curiosos.

Por volta do meio-dia, ouviu-se o retinir das esporas dos policiaes no lagedo.

Dentro em pouco viu-se apparecer o velho entre os dous guardas.

Caminhava lentamente e com difficuldade, pois sabemos que elle acabára, poucos dias antes, de sofrer um ataque de gotta.

Estava extremamente pallido, mas parecia calmo, e sua fronte não se curvava para evitar os olhares.

Todas as cabeças, sem exceptuar uma unica, se descobriram respeitosaemente na sua passagem.

Essa prova de estima e sympathia no seu infortunio derramou algum balsamo nas chagas sangrentas do Sr. de Vezay.

XIX

O GABINETE DO SR. VACHELET

Aquella prova de respeito da multidão para com o preso importunava singularmente aos policiaes.

— Corja de patetas!... diziam elles lá comsigo; comprimentam o preso!... desejava saber porque!...

Afinal chegaram elles com o preso á porta do gabinete do juiz, e essa porta abriu-se incontinenti.

O Sr. Vachelet estava sentado á sua secretária.

Tinha o ar magistral e satisfeito, e alisava com manifesto prazer as raras melenas que se obstinavam em vão ficar no alto do craneo.

Na vespera, no castello de Vezay, em presença do promotor, o Sr. Vachelet representára um papel muito secundario.

Presentemente estava sózinho, e dono do processo, — em seu gabinete, — *em sua casa!*... — Ia tirar a sua desforra, — começar de novo a instrucção a seu modo, — guial-a conforme quizesse.

Não sabemos se o Sr. Vachelet teria trocado por um throno a sua poltrona forrada de marroquim.

O escrivão occupava uma secretária de madeira preta, em frente á do magistrado.

— Mathias, disse-lhe o Sr. Vachelet, está prompto?

— Estou, Sr. juiz.

— Então, comecemos... Accusado, aproxime-se...

O Sr. de Vezay deu alguns passos para a frente.

O juiz tomou um ar solemne, e, com voz particular, — a sua voz de interrogatorio, — perguntou:

— Como se chama?



- Carlos Henrique, conde de Vezay.
- A sua idade?
- Sessenta annos.
- Onde nasceu?
- No castello de Vezay, a 10 de agosto de 1780.
- E' casado?
- Sou viuvo.
- Tem filhos?
- Uma filha.

A' medida que o juiz interrogava e que o conde respondia, Mathias ia escrevendo, com o seu bonito e correcto *cursivo*, que faria inveja ao Sr. Prudhomme, discipulo de Brard e de Saint-Omer, perito juramentado.

O Sr. Vachelet continuou:

— Conhecia, no anno de 1820, o visconde Armando de Villedieu?

— Conhecia.

— Reconhece tel-o morto em a noite de 20 de setembro de 1820?

— Reconheço-o.

— Confessa tel-o ferido, depois de havel-o attrahido a uma cilada, com a complicitade de um homem que estava ao seu serviço, um couteiro de nome Caillouet?

— Não! cem vezes não!...

— Nesse caso, como explica a morte do visconde?

— Já disse que elle havia succumbido no mais leal dos duellos, e que podia defender a sua vida como eu expuz a minha...

— Persiste então na tal versão do duello nocturno?

— Persisto.

— Faz mal; — uma confissão franca e completa seria a unica cousa que poderia militar em seu favor.

— Estou dizendo a verdade.

— Seja! — cada qual faz o que entende! — unicamente, o seu systema de defesa é absurdo, e não tardará que eu lh'o prove...

— O Sr. juiz póde declarar-me culpado; não fará, porém, que eu o seja...

— Em 1820, havia já muito tempo que conhecia o visconde de Villedieu?

— Havia.

— Conhecia-o desde quando?

— Elle era meu vizinho de castello e amigo de infancia.

— As suas relações com o visconde eram frequentes?

— Eram.

— Tanto como no passado?

— Tanto como no passado.

— Precise melhor.

— Caçavamos juntos duas ou tres vezes por semana, e jantavamos continuamente um em casa do outro.

— Depois do seu casamento, continuou a visitar e a receber o visconde Armando de Villedieu?

— Continuei.

— Tanto como no passado?

— Sim.

— Elle tambem era casado?

— Era viuvo.

— Tinha filhos?

— Tinha um.

— E' o que acaba de casar-se com sua filha?

— E'.

— Esse casamento se fez contra a sua vontade?

— Não.

— Então o senhor levou o cynismo da immoralidade a ouvir, sem corar, o filho da sua victima chamal-o de pai? .

— Deus, que lê nos corações, leia no meu e me julgue.

Ouvindo esta resposta, o Sr. Vachelet abusou do seu movimento de predilecção.

Encolheu os hombros quatro vezes successivas.

Depois continuou:

— Em que época as assiduidades do Sr. de Villedieu junto á condessa sua mulher começaram a inspirar-lhe ciume?

— Eu nunca tive ciumes do visconde, nem de minha mulher.

— Nunca?

— Nunca. Como disse hontem, a Sra. de Vezay era um anjo e estava acima de toda a suspeita.

— Reflectiu antes de responder?

— Reflecti.

— E, após novas reflexões, mantem o seu dito?

— Mantenho.

O juiz sorriu-se e esfregou as mãos.

— Mas então, disse elle, por que diabo matou o Sr. de Villedieu, fôsse em uma cilada, fôsse em um duello, visto que não tinha ciumes delle?

O conde de Vezay não respondeu.

— Seria para roubar-lhe o dinheiro? tornou o juiz. O mesmo silencio do accusado.

— Quero admittir, continuou o Sr. Vachelet, quero admittir que o senhor cede, neste momento, a um sentimento honroso... Nega o ciume, para não deshonrar a memoria de sua esposa; mas diariamente vemos um marido ciumento, sem que por isso a sua esposa seja culpada... — Na situação em que o senhor se acha o ciume é, além disso, devo previnil-o, a unica circumstancia attenuante que seja possivel admittir em seu favor... — Se realmente o senhor não tinha ciumes, e se isso se provar, a sua cabeça está compromettida...

— Nenhum apêgo tenho á vida... murmurou o conde.

— Seja!... Mas, que diabo!... pense em sua filha!... é desagradavel, affirmo-lhe, ter um pai morto no cadafalso...

O Sr. de Vezay escondeu o rosto nas mãos; o juiz, fallando-lhe em Magdalena, acabava de tocar na corda sensivel que lhe vibrava no coração.

(Continúa no proximo numero.)



## O THESOURO DOS ASSASSINOS

### V

#### O ATTENTADO

Sómente na manhã do dia posterior á chegada do brigue *Prosperidade* a Cayenna é que Josephina se achou em estado de ir para terra com seu irmão e Grandval.

Bertomy, conforme o dissera um dos officiaes do porto, fôra enviado, depois da ultima carta dirigida á sua filha, para a penitenciaria de S. Lourenço, nas margens do Maroni, e, como não houvesse estradas no interior do paiz, forçoso era esperar a partida do transporte a vapor, que d'alli devia seguir passados oito dias, como unico meio de chegar áquelle destino.

Além disso, Josephina soffrêra bastante durante aquella longa viagem, e por isso era necessario que se aclimasse um pouco e tomasse algum repouso antes de se expôr a novas fadigas.

Concordou-se, pois, em que se alojaria com seu irmão em Cayenna durante aquelles oito dias de espera.

A joven Bertomy não tinha demasiados recursos, como já sabemos; além de que, queria reservar para seu pai o dinheiro que possuia, e por isso informara-se da existencia de uma casa socegada, onde pudesse estar economicamente com Miguel, sendo-lhe indigitada a residencia de uma mulata viuva de um sargento do corpo de marinha e que recebia hospedes a preços razoaveis.

A fallar a verdade, a casa era fóra da cidade e n'um ponto bastante isolado, o que pouco influa para Josephina, que tinha em vista sobretudo o socego e solidão.

Foi, pois, para se entender com a proprietaria, a viuva Gallois, que ella acabava de desembarcar, e juntamente Miguel e Grandval.

Não é facil atravessar uma cidade como Cayenna sem se lhe prestar alguma attenção. Para Josephina e Miguel tudo era novidade,—pessoas e cousas; por isso era natural a estupefacção com que contemplavam o pittoresco quadro que, á medida que iam andando, se lhes desenrolava aos olhos.

Cayenna, como já dissemos, está como que emoldurada n'uma vegetação luxuriante, que se estende a perder de vista e a que um escriptor contemporaneo chamou um mar de verdura.

Esta robusta e vivaz vegetação invade mesmo a cidade.

Uma grande parte de habitações pouco elevadas

occultam-se sob frondosas laranjeiras, bananeiras e outras arvores, a que ficam imminentes os magestosos coqueiros e palmeiras.

O que tambem dá ás casas um aspecto particular são os tectos razos, as varandas guarnecidas de flôres e plantas parasitas, e as janellas, que, em vez de vidraças, têm esteiras diaphanas, que, dando entrada ao ar e á claridade, defendem o ingresso dos numerosos insectos.

Os recém-chegados tinham occasião de vêr alguns edificios importantes, senão pelo seu merito architectonico, ao menos pela solidez, como designadamente o palacio do governador com seus soberbos jardins, a igreja com a sua bella torre e seus vastos quarteis militares ao longo da praia, defendidos como que por um leque de palmeiras.

As ruas espaçosas estavam assejadas, graças aos bandos de aves que se encarregam de fazer desaparecer as immundicias.

Tambem, se não fôsse uma poeira avermelhada e ferruginosa que se levantava sob os pés dos transeuntes, e o estado de ardencia insupportavel que adquiria o chão das ruas com o reflexo do sol, poder-se-hia julgar uma cidade europêa.

O que tambem desilludia o observador era a presença da população, que se agitava naquellas ruas afogueadas pelo sol e sob aquelle magestoso arvoredado.

Notava-se primeiro a raça negra; os pretos, uns cobertos de andrajos e descalços sob o sol esbrazeado, outros vestidos exoticamente, alguns com gravatas incriveis e os chapéos collocados extravagantemente; cada qual, emfim, segundo as suas posses: as pretas tendo por unico facto as suas camizas, e sustendo em equilibrio n'uma das mãos ou á cabeça um fardo qualquer, e com a outra guiando ás vezes grande collecção de crianças, de côres diversas entre si.

Depois desta raça via-se a intermedia, de côr menos carregada, conforme a maior ou menor quantidade de sangue de branco que lhe gyra nas veias — bella raça em que se comprehendiam as formosas mulatas, notaveis por sua elegancia, como as signoras do Senegal.

E' para vêr como ellas passam apressadas por defronte das janellas, agitando graciosamente os guarda-soes e lançando ora para um ora para outro lado os seus olhares matadores.

Trazem o pescoço e os braços carregados de collares e pulseiras, na cabeça lenços de seda indiana de vivissimas côres, cuja disposição tanto significa para os entendedores.

Com a sua saia curta e sem feitiços, de tecido de ramagens, tambem usada pelas crioulas em serviço domestico, offerecem um aspecto de travessura que surprende pela singularidade.

Finalmente apparecia a raça branca, cuja aristocracia é a menos contestavel na America.

No meio desta multidão de varias côres, o branco, por humilde que seja a sua posição social, reconhece em si certa superioridade, e recebe como homenagem devida o respeito dos pretos e mulatos.



Os grandes e pequenos funcionarios, magistrados, ecclesiasticos, officiaes e soldados que se viam nas ruas eram quasi todos da raça aristocratica.

Lá se via tambem, mas raramente, uma elegante vestida á europêa, de crinolina e chapéo de Paris, passeando languidamente, de sombrinha na mão e seguida da serva preta.

Era alguma senhora creoula ou mulher de algum funcionario publico, que, arrostando com aquella anquiladora temperatura, se dirigia ás suas compras ou a algum passatempo.

No meio da gente maritima, dos policiaes e soldados de varios uniformes que cobriam os caes e as praças, não cessava Josephina de examinar com interesse numerosos magotes de homens de jaquetas e calças pardacentas, chapéos de palha e tamancos, que lhe haviam sido indicados como galés.

Uns carregavam e descarregavam barcos no porto, outros andavam na calceta e alguns remavam em barcos.

Tambem os havia empregados a varrer as ruas, onde as aves de rapina tinham deixado que limpar.

Todos, á excepção do pelotão dos incorrigiveis, andavam livres e sem grilheta, e, se eram vigiados á hora do descanso, essa vigilancia exercia-se de longe e sem caracter de oppressão.

Emquanto as pessoas recentemente desembarcadas observavam os habitantes de Cayenna, tambem estes não examinavam aquellas com menos curiosidade.

Não se dava exactamente esse caso a respeito do capitão e Miguel, porquanto eram marinheiros mercantes como os que frequentemente alli appareciam; Josephina Bertomy, porém, é que não se assemelhava aos typos femininos que ordinariamente se viam na capital da Guiana franceza, excitando tanta surpresa como admiração no seu transito esta elegante moça, de tez morena e pallido semblante, toda vestida de preto e coberta com um véo de crepe.

Não tardou que os transeuntes notassem ser algum daquelles personagens objecto de verdadeiro odio.

Logo ao saltar em terra se ouviu um degredado dizer, mostrando Grandval aos seus camaradas:

— Aquelle é o capitão de marinha mercante que denunciou o pobre Rigaut!

Grandval, dedignando-se de responder a esta injusta accusação, continuára o seu caminho; á medida, porém que caminhava, a hostilidade tornara-se mais ostensiva.

Não só degredados, mas negros e mulatos da infima plebe, iam-n'os seguindo a cochichar.

O capitão fingia não perceber, receando sobresaltar Josephina; mas esta animadversão pacifica de pressa se manifestou mais significativamente.

Ao atravessar um estaleiro de construcção, Grandval dirigiu-se a um official de marinha, pedindo-lhe algumas informações.

Ao voltar para junto de Josephina e Miguel, que o esperavam a alguns passos de distancia, achou-se de frente com dous galés, que levavam aos hombros uma grande viga. Grandval parou para lhes dar passagem, mas elles de repente deixaram cair a viga

de fórma que pareceu dever quebrar as pernas daquelle. Felizmente, Grandval tinha tanto de robusto como de agil, e, ao ver vacillar o madeiro, deu um pulo para o lado, evitando assim que elle lhe tocasse.

Veio logo um vigia, que reprehendeu asperamente os dous galés pelo seu apparente descuido; porém um desculpou-se simploriamente e o outro até fingiu ter-se ferido com a quéda da viga.

Quanto a Grandval, posto tivesse surprehendido um olhar de intelligencia entre os dous galés antes de deixarem cair a viga, não quiz estar a ouvir recriminações e foi-se afastando silenciosamente.

Josephina não vira naquillo mais do que um simples acaso, e ainda a tremer felicitou o capitão por ter escapado áquelle perigo; Miguel, porém, pareceu não se convencer tanto de que fosse negocio puramente casual.

Não cessava de olhar para os galés, resmungando e de punhos fechados. Foi preciso, para se tranquillisar, que Grandval se lhe sorrisse e lhe fizesse um signal familiar.

Foram-se dirigindo para a habitação da viuva Gallois, situada, como já dissemos, na extremidade de um arrabalde do lado opposto ao mar.

Os transeuntes tornavam-se raros, ou porque o calor os tivesse forçado a recolherem-se á casa, ou porque o sitio era menos frequentado do que o do lado do mar. Iam por uma rua orlada de habitações de negros e sebes de jardins, quando um côco do tamanho da cabeça de um homem cahiu tão proximo de Grandval, que lhe tocou de leve no chapéo, ouvindo-se ao mesmo tempo uma voz rouca bradar:

— Judas!

O enorme fructo despedaçou-se aos pés dos caminhanes, que pararam, diligenciando vêr donde partira o impulso, porém não descobriram pessoa alguma.

O coco não podia ter sido deslocado de nenhuma das arvores que orlavam o caminho, porquanto todas eram pimenteiras; de certo fôra atirada de traz de alguma sebe por inimigo que se occultou.

Desta vez Josephina não pôde deixar de suspeitar dos dous incidentes que tinham collocado em risco a vida de Grandval, e, puchando-o para o lado opposto do caminho, enquanto Miguel se obstinava em alongar a vista em todas as direcções, disse-lhe atemorizada:

— Aprese-se, meu caro Pedro, a ir para bordo do seu navio! Eu irei só com meu irmão para a casa da Sra. Gallois. Rigaut disse-me que todos os seus camaradas lhe obedeciam: já viu o effeito das suas ameaças! Os galés suppoem-n'o autor de uma traição para com seu chefe e são capazes...

— Tranquillize-se, boa Josephina! — redarguiu Grandval sorrindo-se. — Que tenho eu a receiar n'uma cidade tão bem policiada? Um ataque á viva força é impossível; quanto ás traições que me poderiam armar, confie na minha destreza para as evitar, tanto mais que ellas são mal dirigidas, como acaba de presenciar.

(Continúa no proximo numero.)